

Fotos: Bill Pugliano/Getty Images/AFP - Saul Loeb/AFP



Trump confirma que desistiu de participar de novo debate televisionado com a adversária democrata Kamala Harris. Para especialistas, campanha do republicano sabe que duelos podem beneficiar a rival. Pesquisa alarga diferença entre ambos

» RODRIGO CRAVEIRO

O ex-presidente e candidato republicano à Casa Branca Donald Trump, 78 anos, precisou de menos de 48 horas para decidir que não voltará a debater com Kamala Harris. O anúncio, feito por meio de sua plataforma Truth Social, sucedeu a análise da mídia norte-americana de que a democrata manteve o adversário na defensiva durante quase todo o duelo televisivo da última terça-feira.

"Ela (Kamala) não compareceu ao debate da Fox News e se recusou a participar de um pela NBC e CBS. Kamala deve se concentrar no que deveria ter feito nos últimos quatro anos", escreveu Trump. "Não haverá um terceiro debate", acrescentou, utilizando todas as letras maiúsculas nesta frase. Na quarta-feira, ele chegou a dizer que participaria de debates da Fox e da NBC.

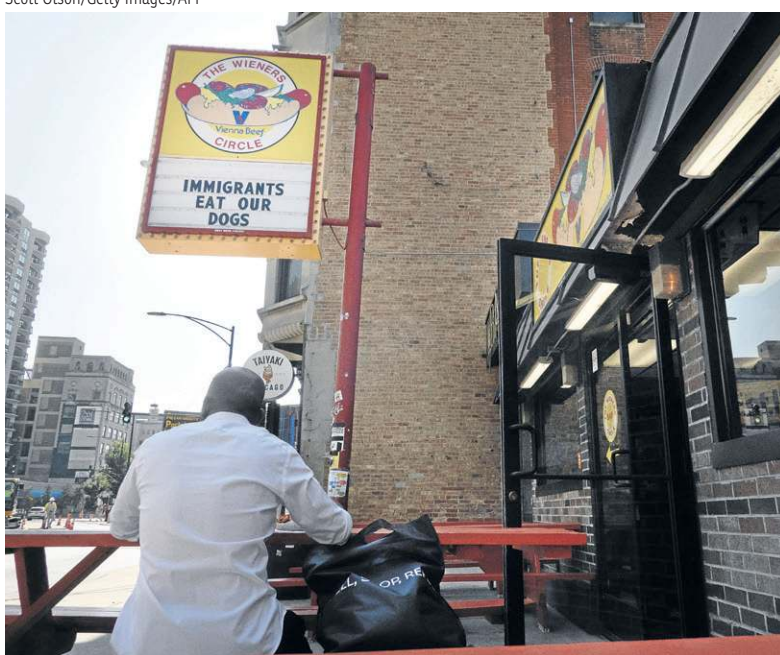
"As pesquisas mostram claramente que eu venci o debate contra a camarada Kamala Harris, a candidata da esquerda radical dos democratas, na terça-feira à noite, e ela imediatamente pediu um segundo debate", afirmou, na publicação de ontem. "Quando um lutador de boxe perde uma luta, as primeiras palavras que ele diz são, 'Eu quero uma revanche'."

Ao contrário do que Trump mencionou, uma sondagem rápida feita pela tevê CNN sugeriu que 63% dos telespectadores viram um desempenho melhor de Kamala, contra 37% para o republicano. Outro levantamento do instituto YouGov mostrou que 43% dos entrevistados acreditam que Kamala venceu o debate contra 37% para o adversário.

Minutos depois da publicação de Trump, Kamala admitiu o desejo de confrontar o magnata mais uma vez. "Eu acredito que devemos ter um novo debate porque essa eleição e o que está em jogo não poderiam ser mais importantes", declarou, durante comício em

Casa Branca associa rumores sobre imigrantes a "vidas em perigo"

Scott Olson/Getty Images/AFP



A falsa alegação de que migrantes haitianos estão roubando e comendo animais de estimação em uma localidade de Ohio, no nordeste dos Estados Unidos, propagada, entre outros, pelo ex-presidente Donald Trump, "coloca vidas em perigo", denunciou a porta-voz da Casa Branca. "É a propagação de imundície (...) e que coloca vidas em perigo" nas "comunidades que estão sendo difamadas", afirmou Karine Jean-Pierre. Durante o debate de terça-feira passada, Trump proferiu a fake news no momento em que parecia ter perdido a calma. "Eles estão comendo os cachorros, as pessoas que chegaram estão comendo os gatos", disse o candidato do Partido Republicano, antes de ser corrigido pelo moderador da ABC News, ao informar-lhe que as autoridades da cidade de Springfield disseram não haver registros disso. A declaração do republicano provocou vários memes na internet e até no comércio. O Wieners Circle, uma das mais tradicionais lanchonetes de cachorro-queijo de Chicago, colocou um letreiro com a frase "Imigrantes comem nossos cães" (foto).

Para saber mais

ArquivoPessoal



"Trump, provavelmente, chegou à conclusão de que perdeu o debate de terça-feira, e que não quer passar por isso novamente. Ele também acredita que lidera a corrida eleitoral, e que o líder sempre tem mais a perder com o debate."

Charles H. Stewart III, professor de ciência política do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT)

Charlotte, na Carolina do Norte, um dos estados-chave, onde ela pretende incentivar os eleitores negros e jovens a apoiarem suas propostas. Trump, por sua vez, subiu ao palco em Tucson, no Arizona, também um dos locais decisivos para a votação de 5 de novembro.

A campanha de Kamala afirmou que ela ingressa em uma etapa "mais agressiva" da corrida pela Casa Branca, "buscando capitalizar sua vitória decisiva no debate e aproveitar o impulso". A democrata também pretende se envolver mais com a mídia pelos próximos 53 dias, até as eleições.

Sondagem nacional

Na primeira pesquisa com um panorama nacional da corrida à Casa Branca desde o debate de 10 de setembro,

Kamala aparece com 47% dos votos contra 42% para Trump. A sondagem feita pela agência de notícias Reuters e pelo instituto Ipsos coloca a democrata, pela primeira vez, com mais do que quatro pontos percentuais em relação ao adversário. Para 52%, a democrata transmitiu uma imagem de "maior integridade moral" durante o debate, em comparação a 29% que viram essa qualidade no republicano.

Allan Lichtman, historiador político da American University (em Washington), alertou sobre prováveis danos políticos causados pela desistência de Trump em debater com Kamala. "A recusa dele em se engajar em outro debate enviava uma mensagem terrível aos eleitores. É, pelo menos, uma admissão tácita de que ele se saiu muito mal na terça-feira e não pretende se expor ao escrutínio

novamente. Normalmente, os Estados Unidos realizam mais de um debate entre os candidatos presidenciais", explicou ao **Correio**.

Professora de ciência política da Northeastern University (em Oakland, Califórnia), Martha Johnson disse à reportagem que não se surpreendeu com a decisão de Trump. "Ele e sua equipe de campanha devem saber que o debate de terça-feira em nada ajudou, ante seu desempenho. Estão provavelmente preocupados com o fato de que outros debates lancem holofote sobre Kamala perante os eleitores e aumente a aprovação pela candidata democrata", observou. "Suspeito que a falta de um duelo televisivo adicional não afetará a avaliação dos eleitores sobre Trump, embora seja uma lástima para Kamala, que, provavelmente, teria se beneficiado."

Para David Karol — professor do Departamento de Governo e Política da Universidade de Maryland —, Trump sabe que o debate foi ruim. "Ele não está ansioso em busca de outra oportunidade. De qualquer forma, não creio que a decisão do republicano de debater uma única vez afetará muitos eleitores indecisos", avaliou, por e-mail.

"Não acredito que o debate da última terça-feira possa movimentar as pesquisas mais do que um ou dois pontos percentuais", explicou ao **Correio** Charles H. Stewart III, professor de ciência política do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Ele entende que um duelo tardio poderia ter mais influência, pois seria realizado perto das eleições. "Mas tantas pessoas já se decidiram que é difícil imaginar que isso faça grande diferença."

VENEZUELA

EUA impõem sanções a 16 aliados de Maduro

O governo dos Estados Unidos anunciou a imposição de medidas punitivas contra 16 funcionários venezuelanos, incluindo a presidente da Suprema Corte da Venezuela, por "fraude eleitoral". Em comunicado, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, afirmou que a Casa Branca interveio para que o presidente Nicolás Maduro e seus representantes sejam responsabilizados por "obstruir" as eleições presidenciais de 28 de julho e "abusar dos direitos humanos". "Em vez de respeitar a vontade do povo (...) eles se atribuíram falsamente a vitória, enquanto reprimiam e intimidavam a oposição democrática, em uma tentativa ilegítima de se manter no poder pela força", advertiu a nota. Com a decisão de ontem, os EUA já sancionaram mais de 140 pessoas e 100 entidades venezuelanas.

Entre os novos sancionados, estão: Carysilia Beatriz Rodríguez Rodríguez, presidente do Tribunal Supremo de Justiça; Rosalba Gil Pacheco, reitora

do Conselho Nacional Eleitoral; Domingo Antonio Hernández Lárez, o número três das Forças Armadas e responsável pelas operações militares; e Pedro José Infante Aparicio, primeiro vice-presidente da Assembleia Nacional. A chancelaria da Venezuela afirmou que "rejeita, nos termos mais enérgicos, o novo crime de agressão cometido pelo governo dos Estados Unidos contra a Venezuela, ao impor medidas coercitivas unilaterais".

Mais cedo, o líder opositor venezuelano, Edmundo González Urrutia, foi recebido pelo primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, em Madri, depois da concessão de asilo político de Madri ao ex-diplomata, alvo de mandado de prisão por parte do regime de Maduro. "A Espanha continua trabalhando a favor da democracia, do diálogo e dos direitos fundamentais do povo irmão da Venezuela", escreveu o premiê de esquerda, no dia em que 40 países, além da União Europeia (UE), pediram na Organização das Nações Unidas (ONU), que Caracas publique

Fernando Calvo/La Moncloa/AFP



O premiê da Espanha, Pedro Sánchez (E), com Edmundo González Urrutia, em Madri

"imediatamente" o resultado detalhado das eleições venezuelanas e permita uma "verificação imparcial".

"Produtivo"

Em nota à imprensa, Edmundo González classificou o encontro com Sánchez como "grato e produtivo". "Falamos da grave situação enfrentada pela Venezuela e da necessidade de trabalhar conjuntamente por uma transição à democracia", explicou. O opositor agradeceu a "todas as forças políticas espanholas que lutam ativamente pelo reconhecimento da vontade soberana do povo na

Venezuela", expressa nas mesas de votação, em 28 de julho. "Minha gratidão ao Congresso dos Deputados pelo reconhecimento de minha vitória nas eleições venezuelanas passadas", acrescentou.

Ainda segundo González, o compromisso com o mandato recebido de parte da população da Venezuela é "irrenunciável". "A abordagem da luta que María Corina Machado e eu temos conduzido se mantém inquebrantável. A luta é até o fim, quando todas as nossas famílias poderão se reunir em solo venezuelano."

Advogado e professor de direito em Barquisimeto, o venezuelano Alfonso Ochoa — hoje residente em Orlando

(EUA) — disse acreditar que os EUA enviaram um recado de que Maduro viola, de forma flagrante, os direitos humanos. "É um forte e claro sinal para esses indivíduos, que deverão pensar sobre o que fazer. Apesar de estarem rodeadas de dinheiro, essas pessoas acabarão fugindo para os Estados Unidos. Nesse sentido, acho que os EUA deveriam ser mais firmes e revogar as licenças outorgadas para a venda de petróleo venezuelano. Com esse dinheiro, financiam equipes para amedrontar e cometer as violações", afirmou ao **Correio**.

Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela (UCV), reconhece que as sanções eram aguardadas há pelo menos duas semanas. "É uma mensagem direcionada aos funcionários do regime de Nicolás Maduro sobre as consequências que enfrentam por apoiar um governo ilegítimo e suas ações", disse à reportagem. Ele lembrou que o regime de Maduro comete violações contra a democracia e contra a população. "As sanções têm mais efeitos quando acompanhadas por outros países."

Aumaitre destacou a importância da reunião entre Sánchez e González. "Vejo um reconhecimento, por parte do premiê espanhol, da importância de Edmundo González dentro da Venezuela e estrutura política venezuelana", comentou. Ele disse esperar que o chefe de governo da Espanha ateste o direito de Edmundo de ascender ao poder em 10 de janeiro de 2025. "Tomara que Pedro Sánchez se destaque como um líder que pressione (Maduro) para que a vontade dos venezuelanos seja cumprida." (RC)